

VILÉM FLUSSER

A primeira sentença do Tractatus de Wittgenstein é esta: O mundo é tudo que é o caso. A leitura da sentença causa um mal_estar difícilmente de_ finível. Será uma sentença significativa? Será mero ruído? Será tauto_ logia? Inclusive: será uma sentença gramaticalmente certa? Que pretende explicar a sentença? O "mundo"? O "caso"? Quem abre o Tractatus para iniciar a leitura, esbarra contra esta curiosa dificuldade. Não é possí_ vel passar_ se por cima da primeira sentença. Os pensamentos giram ao seu redor e recusam_ se, logo de início, a seguir o rumo do livro. O leitor põe_ se a filosofar por conta própria, antes mesmo de ter iniciado a lei_ tura. É o caso de um amor filosófico à primeira vista. Mas: que é o "ca_ so"?

A resposta sugerida pela etimologia é esta: O caso é aquilo que caiu. O termo "caso" não passa de uma latinização do termo "o caído". Esta respos_ ta mergulha a nossa especulação no clima teológico, com efeito no clima da teologia protestante. O mundo é tudo que caiu. É um bom ponto de partida. Duvido que seja o ponto de partida wittgensteiniano. Pouco importa. Resol_ vemos, (não é verdade?) filosofar por própria conta. Continuemos. Tudo é o caso. Que pretendo se digo "não é o caso"? Pretendo negar algo num de_ terminado contexto, mas não absolutamente. Se digo: "agora não é o caso de comer, mas de escrever um artigo", digo: "comer é um caso, escrever é outro". Agora caiu o ~~escrever~~ escrever na prova chamada "vida", (para recorrermos à terminologia dos escolares). Amanhã cairá o comer, e este será o caso. A "vida" é uma caminhada de caso em caso. Uma caminhada pelo mundo que cai, qual chuva de granizo, em forma de casos. O mundo incide sobre mim em for_ ma de casos. A incidência de casos sobre mim: isto é o mundo.

Casos têm pesos. Há casos leves que incidem sobre mim qual flocos de neve. Logo se derretem e são esquecidos. Outros incidem sobre mim pesadamente e curvam a minha espinha. Ambos são casos extremos. São imponderáveis. Out_ ros, menos extremos, são ponderáveis. Posso pesá_ los. Posso "compreendê_ los". Os casos extremos são incompreensíveis, porque incidem sobre mim com excessiva leveza ou com peso excessivo. Não capto os excessivamente leves. Os excessivamente pesados esmagam. O território da minha compreensão é a re_ gião dos casos não extremos. Casos extremos são a borda incompreensível do mundo. O mundo compreensível é tudo que é o caso não extremo.

Acontece que dois ou mais casos incidem sobre mim simultaneamente. Coinci_ don. A coincidência dos casos é a minha compreensão do mundo. Compreender significa prender dois ou mais casos simultaneamente. O mundo compreensí_ vel é o conjunto dos casos coincidentes. A coincidência de casos é a estru_ tura do mundo pela qual o compreendo. Guardo, na minha caminhada de caso em caso, essa estrutura dentro da minha mente. Os casos que coincidiram formam o fundamento sobre o qual incidirão os casos novos. Encontro, graças à estru_ ra guardada, sempre "mais um caso". O "mais um caso" é um acaso, um aciden_ te. Caminho de acaso em acaso, porque acrescento casos aos que já coincidi_

VILÉM FLUSSER

ram. Caminho de acidente em acidente, porque todo caso novo acide aos já coincidentes. Os casos coincidentes são o fundamento de todos os acasos, e a coincidência é o fundamento de todos os acidentes. Não coincidissem casos, e não haveria acaso. Não existisse coincidência, e não haveria acidente. Haveria apenas casos. O caos. Uma sugestão: enquadrar, no presente raciocínio, o problema aristotélico da substância e dos acidentes.

O mundo de casos incidentes: casual portanto. Mas o mundo de casos incidentes: ocasional portanto. O mundo como casualidade, e o mundo como ocasiões, este o mundo de casos. Reunir estes dois aspectos é o tema da vida. Na nossa caminhada encontramos casos casualmente e ocasionalmente. Incidem sobre nós casualmente e ocasionalmente. Devemos decidí-los. Decidir casos, isto é: fazer com que deixem de incidir doravante. Casos decididos são casos que não incidem. Foram eliminados do mundo. Quanto mais casos decididos, tanto mais pobre o mundo. Os casos que incidem casualmente são ocasiões para o empobrecimento do mundo. Caminhamos de caso em caso, afim de decidí-los paulatinamente e empobrecer o mundo. Esta a nossa liberdade: decidir casos. Entropia. Tomar o caso casual por ocasião para a decisão: meta e significado da vida.

Um caso incidiu. Incidiu sobre mim: é meu caso. Devo decidí-lo. Devo transformar a cadência do caso de incidente em ascensão, devo inverter o caso. Caso decidido é caso invertido. Por que devo fazer isto? Por que devo inverter a cadência dos casos? Por que devo decidí-los? Porque me encontro, a mim mesmo, como caso. Eu sou o caso. Os demais casos que incidem sobre mim são meus casos porque eu sou o caso. Sou caído e continuo caindo. "Caminhar de caso em caso" é um eufemismo. "Cair de caso em caso" é expressão mais apropriada. Devo decidir casos porque devo decidir meu caso. Devo decidir o caso que sou, devo decidir-me. Devo inverter a minha cadência de incidente em ascensão. É como coincidir com casos, como incido sobre casos e casos incidem sobre mim, devo decidí-me decidindo casos. Os casos incidem sobre mim acidentalmente para serem ocasiões da minha decisão para transformar-me ~~em~~ de incidente em ascensão: o mundo é o conjunto de oportunidades para a transformação, (pela decisão), da minha decadência em projeto.

Como sei que sou o caso? Duvido que possa sabê-lo pelo método cartesiano. Sei que sou o caso porque sinto em mim minha queda. Sei que sou o caso porque sei que caio. Sei que caio porque sei da morte. Sou o caso porque sei que caio para a morte. Este saber da minha morte permite que vislumbre aquele campo gravitacional chamado "mundo" no qual se dá meu caso e os demais casos que sobre mim incidem. O centro do campo gravitacional é a minha morte. A gravidade do caso que sou e dos casos que sobre mim incidem é a atração da morte. A morte é o que torna atrativo o mundo. Não fosse a morte, o mundo não teria atração nem gravidade. Não haveria casos. A morte confere peso ao mundo e faz com que seja o conjunto de casos.

Sou um caso diferente dos casos que sobre mim incidem. A diferença é o meu saber da minha ~~em~~ queda. Sou um caso que se sabe caso. Um caso reflexivo. Um caso reversível. O meu saber (da minha morte) invade o caso que sou como um

VILÉM FLUSSER

bolsão vazio. Devido a essa vacuidade dentro de mim não sou inteiramente o caso. O bolsão dentro de mim é o lugar no qual deixo de ser o caso. É o lugar no qual posso decidir-me. O mundo é tudo que é o caso. O bolsão dentro de mim não é o caso. Não participa do conjunto chamado "mundo". O lugar da decisão não é do mundo. Decido-me e decido os meus casos num lugar que não é do mundo. Teologia protestante?

Decido-me decidindo os meus casos. Inverto minha queda invertendo quedas. A minha decisão é uma transformação da estrutura do mundo. A minha decisão é contra a morte. Por isto transforma casos em acensões e inverte a gravidade do mundo. Por minha decisão faço refluir o fluxo do mundo. Faço cultura. Cultura é o conjunto dos casos invertidos. Los casos que dão as costas à morte e acendem à imortalidade. A minha decisão é contra a morte e em prol da imortalidade, e é por isto que faço cultura. Mas a cultura em seu conjunto: que é ela? Não é um caso? A história, o progresso, (estes sinónimos do refluir do fluxo do mundo), não é um caso? A cultura, a história, o progresso, não se dão eles no mundo e não são portanto, por definição, casos? A contradição interna da imortalidade no imanente. O absurdo da decisão intramundana. Teologia protestante?

Sei contra que me decido e para que me decido. Decido-me contra a morte e para a imortalidade. Mas por que me decido? Porque sou o caso de dupla atração e de dupla gravidade. A morte é apenas um dos polos no campo da minha gravidade. Sei do outro polo apenas negativamente. Sei dele, porque a morte não apenas me atrai, mas também me repele. A repulsão da morte é a vivência negativa do outro polo. O outro polo não pode ser a "vida" no significado biológico do termo. A vida biológica é um caso. Demanda a morte. O outro polo não é um caso. É totalmente diferente. A minha decisão é aparentemente entre estes dois polos. Mas apenas aparentemente. Na realidade não há decisão para a morte (erro dos existencialistas). Se sou o caso, já, ipso facto, demando o polo da morte. "Vivo". A decisão autêntica é apenas aquela que se decide em prol do outro polo. Uma decisão sem alternativa. Que decisão é esta, a que não é escolha? Absurda. Teologia protestante?

O mundo é tudo que é o caso. Tudo é o caso. Eu não sou inteiramente o caso. O meu outro polo não é o caso. Eu sou parcialmente nada. O outro polo é nada. Ateísmo? Teologia protestante? Demonismo? O presente artigo é uma variação sobre o tema do verbo "cair", portanto um jogo dentro da língua portuguesa. Mas conduz, lúdicamente, até aquele terreno no além de todas as línguas antigamente chamado o "transcendente". O seu propósito não é formular respostas. Nem perguntas significativas. É este: Variações de um tema podem ser desenvolvidas infinitamente. Que a presente variação provoque outras na mente dos leitores. Conversemos. E qual o assunto de toda a conversação honesta? A morte e o outro polo.